



O Gaiato



Visto pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VIII N.º - 203
Preço 1\$00



Aqui, LISBOA!

De como nós fomos aos Açores

Esteve entre nós a provar do nosso caldo, o Senhor Cardeal Patriarca. Nesses breves momentos procurou interessar-se paternalmente pelos nossos problemas e não ocultou também as máguas que oprime o seu coração de pai. São seus todos os males sociais, e, porque seus, não pode deixar de os sofrer atrozmente.

Já aqui foi dito da sua simpatia pelas crianças da Rua. Esta Casa que foi dos seus antecessores, e que generosamente ofereceu à Obra, af está a comprovar o seu interesse pela solução do problema da criança abandonada.

Os pobres estão igualmente no seu coração. Várias vezes nos tem manifestado o desejo de que os seus padres nos acompanhem na visita aos infelizes dos bairros sórdidos. Por todos os outros problemas congêneres se debruça constantemente, só lamentando não poder dispor de meios suficientes para os enfrentar. «Meus padres—ouvi eu queixar-se com o coração nas mãos—sinto-me cansado, e até agora pouco mais tenho feito do que dotar o Patriarcado de seminários condignos. Mas os seminários não são o único problema duma diocese. Nós temos dezenas de igrejas a construir; e residências paroquiais, não temos casa para o clero inválido, casa de retiros, bairros sociais, etc. etc. Preciso da vossa ajuda». Pois foi para esta última iniciativa que veio até nós oferecer nos preciosos auxilio e pedir-nos a nossa colaboração.

Condoído da sorte de muitos pobres que vagueavam à volta do Seminário, consentiu generosamente que alguns levantassem pequenas construções em terreno do mesmo. Acto de caridade cristã que não vemos imitada por ninguém. Quem deseja ver dentro dos próprios muros elementos duvidosos e indesejáveis?

Mas tal caridade foi mal interpretada, e não faltam semeadores de águas turvas, a quem nada interessa a miséria, a não ser para dela se servirem para lançarem a confusão, que deturpam intenções e obras, no intuito evidente de desacreditar. Ceder terreno é alguma coisa mas não se pode ficar por aí. Ele não quer ficar por aí. Quer casas, mais casas; bairros até. E donde hão-de vir os meios?

É o nosso Amigo João Ninguém que vai responder. Este Senhor que há-de ser Alguém com letra maiúscula, mas que não

conheço, escreveu-nos a dizer que compreende muito bem a nossa persistência em não aceitar heranças. Compreende, mas não se conforma. E queria que os padres da rua fizessem mais o sacrificio de tomarem à sua conta a aplicação imediata (imediata para evitar a corrupção que a acumulação inevitavelmente provoca) das heranças dos que, como ele, não sabem o destino seguro a dar aos seus bens. Com elas os padres da rua construiriam o maior número de casas para o Património dos Pobres.

Diz ainda que nem todos têm coragem nem possibilidades de se desfazerem, em vida, dos seus bens; mas ficariam tranquilos com o futuro deles se nós quiséssemos tomar tal encargo. Que o Estado, as Misericórdias, os Seminários ou Obras de Assistência nem sempre merecem a simpatia ou confiança dos que partem... etc.

Meu caro João Ninguém, por muito alto que seja o conceito que de nós forma, não peça o que não podemos fazer. Bem nos basta o calvário de angariar os meios de subsistência das nossas casas e educar os nossos rapazes.

Mas nem por isso regeitamos a nossa modesta colaboração. Para já, aqui vai uma sugestão: a obra do Património dos Pobres está, por enquanto, confinada aos limites da paróquia; mas pode, dum momento para outro, tornar-se diocesana ou mesmo nacional. Os bispos (para o caso: o Senhor Cardeal) tem, sob a sua responsabilidade, Entidades com capacidade jurídica para receber heranças. Por que esperar? Que se deposite nas suas mãos o que se quiser, com a cláusula da «aplicação exclusiva e imediata» em determinado fim. Quem poderá merecer maior confiança do que a Igreja? Depois, os bispos chamariam por nós, se assim o entendessem.

E que destino mais oportuno do que este de deixar aos deserdados, o património dos que não tem herdeiros? Encher vales com montanhas, encurtar distâncias, secar lágrimas, enfim refazer a justiça social e emanamente!

E todos ficarão bem: a consciência dos que partem, a situação dos que melhoram e a reputação da nossa mãe a Igreja a quem é dada a possibilidade de continuar a sua missão sem o perigo de enriquecer.

PADRE ADRIANO

Depois da vista das Furnas vem naturalmente a das Sete Cidades. São lugares consagrados com séculos de vida curiosa, que nenhum Micaelense se furta a mostrar aos que pela primeira vez visitam a Ilha. Saímos com sol. Enquanto ele esteve eu via a maravilha dos prados aonde se fartavam centenas e centenas de vacas leiteiras. O senhor que nos acompanhava ia-nos dizendo da riqueza pecuária e que um toiro de raça, obtido na América, tinha custado 150 contos e que uma vaca da primeira cria obtida ao mesmo tempo, tinha custado oitenta deles e que o toiro reproductor, até à data de hoje tinha reproduzido 196 filhos e que raças apuradas e escolhidas levam a muito alto o rendimento de que toda a Ilha beneficia. Assim fomos falando e eu muito interessado escutando e os meus olhos estendidos pelo verde das pastagens quando chega a chuva sem ter sido chamada. Dizem os habitantes da Ilha e é verdade que por vezes experimentam-se no mesmo dia as 4 estações do ano. Depois da chuva veio o nevoeiro. Eu ia cheio de medo, mas tinha vergonha de o confessar. O caminho é estreito. As margens despidas. Só via a iminência... Não sei se o Avelino ia assim. Claro que se alguém lhe perguntasse, ele diria que não. Depois dos perigos passados não há quem não seja valente.

O Plymouth rodava. A terra dos montes é queimada. Vê-se bem que outrora tudo aquilo ardeu. Nesta Ilha há muita matéria de confusão para os geólogos. E agora estamos chegados propriamente ao sítio das duas lagoas a que chamam Sete Cidades. Há uma placa que diz Vista do Rei em memória de D. Carlos quando uma vez ali esteve. O carro pára. Nós saímos. E é da Vista do Rei que se vêm no fundo duas lagoas. O tempo aliviou um tanto. Não sendo a visibilidade perfeita, do pouco que se via nada posso dizer...

Alguns visitantes que têm gozado o panorama com sol afirmam que só de joelhos...

Connosco tinha ido uma senhora, Assistente Social na cidade. Não a conhecia, mas somos parentes. Ela falou-me da antiga cidade das latas de Coimbra onde queimou as pestanas durante uns anos que ali esteve; e eu também as queimei. Nós somos parentes. Ela quis que eu visse aquilo que, das cidades, costuma esconder-se aos olhos do visitante. Fazia chuva, e a chuva tinha feito lama e o sol

estava escondido. Tínhamos visto o rosto. Agora iam ver e vimos o verso da medalha. Por isso estava perfeitamente bem. A chuva e a lama má-la ausência do sol. Era o Nateiro. Era o Rabo de Peixe...

Uma coisa me confortou; saber que ali ao pé, das 200 planiadas, 100 casas já estão em vias de ser habitadas. Isto é o fruto de uma visita ministerial a esta Ilha, aqui há tempos. Coração no seu lugar e facilidades de dinheiro, causaram esta maravilha.

O jantar deste dia foi em casa dum senhor que previamente nos convidou. Dos cinco filhos que tem estavam três à mesa. Dois estudam em Lisboa. Tanto nesta como noutras famílias nota-se uma sobriedade perfeita. Uma suficiência sem enfeites e tudo racionalmente preparado. Havia frutas que pela primeira vez comemos. Outros produtos da Ilha eram também novidade.

Chega, enfim, o nosso último dia em Ponta Delgada. Tínhamos visto e tínhamos ouvido e fomos muito perguntados.

Como não podia deixar de ser os jornalistas também meteram o nariz e tiraram fotografias. E' um tributo; um tributo que tem de pagar mesmo aquele que desejaria ser ignorado. Estávamos no fim. digo, mas eu queria muito ver de como os ananazes são criados. Eu estava na terra deles. Eu gosto muito deles. Quando aparece algum em Paço de Sousa eu miro e remiro e cheiro e fecho-o a sete chaves para não ficar sem nada. Tinham visto as estufas, mas eu queria ver mais. E vi. O Senhor veio pessoalmente explicar. Abriu a porta de muitas das suas estufas. Uma delas era para 3 mil frutos. Fique sabendo muita coisa que até ali ignorava. 24 meses leva um fruto a criar-se.

A última refeição foi ao meio-dia em casa dum senhor amigo. É difícil e eu não sou capaz de extremar entre tantos, qual foi o que mais nos amou durante os dias que aqui estivemos, de tantos e de tanto que nos amaram. Assim nos saibamos retribuir.

O avião que faz serviço entre as Ilhas estava marcado para as duas horas e um nadinha antes chegamos ao campo de aviação. Este plural era composto daqueles nossos de quem falo; eles estavam no cais quando nós chegamos nunca nos perderam de vista enquanto estivemos e agora, na despedida, estavam. Honra lhes seja

(Conclui na 3.ª página)

Património dos Pobres

A Salvado da Costa, de Lourenço Marques, acaba de me enviar uma lista de nomes de antigos assinantes que se desobrigaram, mais o competente dinheiro: 3.395\$. Quanto lhe não devolva Mas ela não fica por aqui; ela fala da recente inauguração das primeiras casas do património, e fala, sobretudo, da iniciativa do Xai Xai, onde diz que seria interessante Lourenço Marques fazer o mesmo. A Salvado da Costa ao chegar a este ponto, informa que já tinha pensado meter ombros à obra, mas ao depois desistira. Contudo, prossegue a sua carta, tinha recebido há dias carta de uma sua amiga, lançando a mesma ideia e pedindo o meu auxílio, por ser eu no seu entender a pessoa indicada para lho prestar. Muito bem. Temos já duas amigas que se pedem auxílio uma à outra e ninguém duvide por um momento do resultado. O Património dos Pobres vai ser enriquecido. Tem a palavra a população de Lourenço Marques.

No Xai Xai foi na mesma. Houve um que levantou a voz e todos os habitantes disseram que sim. Isto mesmo se depreende da carta aonde vinha a feliz notícia; o responsável nem sequer assina o seu nome e chama-se a si mesmo um do Xai Xai. Mais. Deve tratar-se de alguém queimado de entusiasmo, para assim ter incendiado uma vida inteira. Mais ainda. Nota-se na carta um certo perigo de explosão por quanto, vinha lá a comunicar que daqui por poucas semanas você há de ter grandes notícias deste povo do Xai Xai. Isto foi uma válvula de escape. Sem ela haveria o perigo de explosão.

Ora eu tenho que em Lourenço Marques as coisas vão ser tal qual, só que, em lugar duma, são duas as faúlhas. Maior o incêndio! A Salvado da Costa mais a sua amiga hão-de notar com alegria, que afinal de contas estavam todos à sua espera. Em muitos lugares e circunstâncias, nem será preciso dar o recado inteiro; basta uma palavra. São faúlhas. E se, porventura, viessem a topar alguém que se mostrasse enfadado de as ouvir, são doentes. São pessoas doentes a quem é preciso tratar com o maior carinho.

Depois de Lourenço Marques outras cidades hão-de vir dar o seu nome. Em todas as terras do Ultramar há-de levantar-se uma Salvado da Costa só ou acompanhada. Os incêndios opagam-se. Nós fazemos doutrina certa disto que aqui se afirma e do lado de cá do Mundo continuamos a levantar casas. Ainda hoje veio ao pé de mim a queixa de uma família rural ameaçada de ficar sem telhas porque o senhorio quer meter uma toira na corte aonde aquela família vive. O senhorio quer lá por uma toira e ameaça por paus e por pedras, disse-me o informador. É no mês de Janeiro, segundo a carta, que vão sair para a rua as duas afortunadas de sorte que é licito esperar pelos resultados na próxima festa da Páscoa. É também por esta altura que eu espero ver concluída a casinha destinada à família que tem de dar lugar à toira. Sendo assim terão lugar de honra os habitantes de Lourenço Marques e serão os felizes responsáveis da troca... Vai a toira para o seu lugar e a família para onde lhe é dado!

Melhoramentos

O Abel é actualmente o meu escriba; eu não posso escrever. Aqui de onde lhe estou ditando, vejo ao fundo da quinta homens a surribar. E' na mata. E' na mata, duas vezes secular. Chamou-se um agrónomo, disse-lhe o que pretendia e ele respondeu, garantido. Estamos por isso preparando oito hectares de encosta, abrigada do norte e aonde o sol dá, mal nasce. Centenas de eucaliptos estão sendo derrubados e no seu lugar, vai-se fazer um plantio de oliveiras e citrinas. Milhares Previu-se o problema da água com fartura. As covas serão abertas segundo as ordens do agrónomo. Não se faltará com nada, para que tudo resulte; são milhares de oliveiras e laranjeiras. Os homens da surribara são contentes; diria mesmo contentísimos. E' que nós damos-lhes do nosso caldo ao meio dia. Desta sorte, não precisam as suas mulheres de abandonar a casa e os filhos, enquanto lho trazem. Isto é naturalmente uma fonte de alegria, porque ju-to. E Deus abençoa e acrescenta mais esta iniciativa.

Eu talvez não venha a comer laranjas nem a molhar sopas no azeite, é qua e certo que não. Mas vivo e levo uma alegria imensa: Deixo ficar. Deixo ficar para os mais. Os meus sucessores hão-de bendizer-me pelos anos fora. Como todos os leitores se interessam pela

nossa casa, gosto de os pôr em dia com os seus progressos. Oito hectares.

Além do mais, há, ainda, um outro sentido; eu quero ver se prendo bastantes rapazes à terra. Quero que se identifiquem com a vida saudável do campo. E eles não querem. Eles procuram officios e empregos na cidade. Sentem-se diminuídos. E eu dou-lhes razão. Outros sítios não digo nada porque não sei, mas nestes, noto e sinto que o camponês tem de empobrecer. Não há quem seja por ele. Nem os costumes, nem o tempo, nem as leis. Nada. Ninguém. Ontem veio aqui ter comigo um homem esmagado, desabafar. Ele faz uma terra, o senhorio comprou um automóvel e levanta-lhe a renda. *Eu não posso, dizia.*

Ninguém é por eles.

Se vamos a vender gado ou produtos, é tudo incerto. Exemplo. Nasce-nos uma ninhada de porquinhos. Passados quinze dias eu pergunto quanto valm e respondem-me: *a feira é que o há de dizer.*

Com as vitelas é o mesmo. Com os produtos agrícolas também.

Tenho pena desta gente!

Mas não há que desanimar. Vamos com o laranjal pra frente. Milhares de árvores vem nutridas, dão vitaminas para consumo e para a venda. Ainda que os homens mintam, a terra não. A terra não mente.

GEMIDOS - O inverno chegou com inclemência. A toda a hora nos chegam os gritos aflitivos dos Pobres.

No domingo passado os nossos rapazes da Conferência de Miranda foram fazer a sua visita por chuva forte. Na reunião todos relataram que os seus protegidos tinham aparado muitas bacias de água das beiras por cima das camas e pela casa fora: *chovia por todos os cantos.*

E os senhorios conservam-se apáticos de todo a tudo isto, porque as miseráveis barracas não rendem como as casas boas e tomaram que os pobres de lá saiam. Os clamores dos Pobres clamam vingança ao Ceu. Esta é a guerra mais temível. É o principio mais desorientador da sociedade.

No dia seguinte fui para Coimbra. Os da Conferência de lá andam muito empenhados em conseguir uma casa de renda para uma pobre que vive (tenho vergonha de dizer aonde.) É viuva há pouco tempo, tem cinco filhos pequeninos, e um cancro num peito. Fui ver o lugar onde ela vive (não digo o que lá vi.) Tem dois filhinhos em casa dum comadre por não cabem todos juntos. Outro mal: a desagregação da família.

De caminho fui com Zé Eduardo ver uma casa para alugar. É modesta e confortável, com um leirão de terra para cultivar e custa duzentos escudos mensais. Vamos ver se conseguimos arrendá-la. A renda há-de ser paga por uma senhora residente numa das nossas províncias ultramarinas que espontaneamente escreveu para a Conferência do nosso Lar de Coimbra a oferecer o necessário para o arrendamento. Já mandou para o primeiro mês. A isto não se pode fazer comentário.

Dai a pouco descí à Baixa e topei com a abandonada dos oito filhos e dois tuberculosos, muito aflita com a doença, com a renda, com as casas de penhores. *Ai que há-de ser da minha vida!*

Ao dobrar da esquina veio ao meu encontro o cauteloso da perna de pau. Vive tão mal!

Há dias em que vende sómente duas cautelas; isto é, apura dez tostões e assim há-de viver: ele e o senhorio.

Ao chegar a Miranda vou a abrir um embrulho que chegava de Oliveira do Hospital e encontro um fato e dentro dum bolso duas notas de mil e um papelinho a dizer: *um é para os pobres outro é para as casas.*

Bálsamo nas feridas gretadas!

O NATAL DOS LÁZAROS — Também este ano, como nos anos anteriores desde que o Sr. P^o. Américo começou, os Lázaros esperam pelo seu Natal.

Só faz ideia exacta da dor aquele que a sente sózinho, que a geme no abandono. Aqueles que já a sentiram e já a geram ajudam agora a suavizar um pouco a daqueles que a têm. O Natal dos Lázaros este ano vai ser na tarde do domingo dia 23. Vamos de levar-lhes borcinhas, bolos, frutas; tudo o que possa coadunar-se com o estado de cada um. O ano passado tivemos de comprar muitas coisas, mas este ano queremos que tudo venha de vossas casas, feito pelas vossas mãos ou comprado com a vossa bolsa e dai-nos a tempo nota de tudo para não fazermos armazém. Não esqueçais.



Casas para pobres - A primeira já está quase pronta. É tão encantadora

que encanta todos os pobres e toda a gente. Irá ser habitada pelo seu legítimo possuidor, o maior indigente da freguesia de Miranda, no dia de Natal. Quem lhe quer dar a mobília pobre, ou a roupa necessária ou a louça indispensável?

Fora aquilo que já publicamos, há aqui um senhor que dá toda a ferragem e todas as tintas para a primeira casa. E de Anadia vieram cem. E ontem chegou esta carta: *Seja louvado N. S. J. Cristo. Não tenho casa minha, vivo em casa de renda e viverei sempre. Envio 70\$00 para compra de algumas telhas para casa de pobres, da Obra da rua. Pede ora ções Irmã em nosso Senhor.*

E hoje tirei do bolso dum casaco mil para as casas

Quem quiser ainda está a tempo e não se arrepende.

O QUE NOS VÃO DANDO — Um garraão de azeite de um senhor Especialista de Coimbra. Mal este senhor Doutor imagina a ocasião em que o mandou! Dez escudos de um visitante que não pode dar mais; oitenta das alunas do 5º ano do Liceu. Quantos sacrificios isto representa! E um senhor que veio dos lados de Penacova deixar a Coimbra uma de mil e outra de cincoenta. Além da generosidade ainda o trabalho. Duas armas de triunfo. E um visitante viajante das motas B.S.A. deixou duas folhas de alface. Todos dizem que esta marca está a provar muito bem.

E um senhor que foi com a Senhora ao Lar com uma furgonete levar muitos géneros alimentícios. E um casaco de um rapaz de corpo são e castanhas. E uma dúzia de camisolas e puloveres e nozes e figos. Nunca tinha visto coisa tão linda e tão perfeita. Veio de Espinho. Vê-se que ali há gosto. O mar é que é traidor! E castanhas de Folques.

E quinhentos escudos dum tinturaria de Lisboa a dizer que trabalham muito e que agora vive bem e que quer ajudar-nos. Nós esperamos, meu senhor. E uma gabardine de S.^{ta} Eulália. E um fato em bom estado de Coimbra; e 200\$00 da Casa de Trabalho; e cem da «Jonita» para acudir um pouco aos seus apuros. Isto é comigo. E muitas coisas de uma senhora que já tem dado mais; e um cobertor; e outro da loja nova de fazenda; eles parecem irmãos. E mais dois dum Senhor Doutor. Está a dar resultado o meu último pedido. Já tenho quatro na mão e três a voar. Espere por mais, pois estamos em falta de muitos.

E uma gabardine da Figueira. Que geitão elas vêm fazer! Servem-nos de todos os tamanhos e estados e feitios e qualidades.

E uma enfermeira com a assinatura e vinte; e um embrulho de roupas e sapatos de uma mãe agradecida ao Senhor. E roupa usada e vinte de uma dona de casa; e muitos óculos e luvas e suspensórios e mais; e cestos de pêssegos da mãe de Tábuas; e um fato completo de O. do Hospital.

Padre Horácio

LAIRES DA OBRA DA RUA

CONSTITUIÇÕES

I—Os Lares da Obra da Rua, são o complemento racional e indispensável de um sistema de protecção. São o sentido familiar posto em marcha. O rapaz da rua não tem família; a Obra deve suprir. Os lares são instalados nas cidades e outros centros de Indústria, aonde se possam obter facilmente colocações.

Os seus habitantes são aqueles rapazes que tenham dado provas suficientes durante a sua permanência nas casas de formação, e que tenham feito a exame de instrução primária. De outra sorte não.

II—E' uma Obra de rapazes lançada para eles, governada e conservada por eles, que cada um deve zelar e amar qual menina dos seus olhos, devendo portar-se dentro dela de tal forma, que mereça sair do Lar comum para o seu particular.

E' justamente para esse fim que o Rapaz deve manter a sua caderneta em conta aberta com um Banco ou Caixa de Crédito, e se o benefício do Lar lhe dá vantagens monetárias, tem obrigação de as aproveitar, guardando e ameaçando, sem jamais desperdiçar.

III—Acostume-se cada um dos habitantes a considerar que a Obra é mais para benefício dos vindouros do que para si próprio, e culpe-se gravemente em sua consciência se por sua causa a Comunidade haja de vir a sofrer em seus interesses morais ou materiais; sendo certo que o mal praticado por um dos membros, macula e prejudica a Comunidade inteira.

Compreenda cada vez mais e melhor que não está instalado em pensão, mas sim a viver activamente na sua própria casa, aonde encontra todo o carinho e todo o amparo que os filhos de boas famílias gozam na casa paterna.

Tenha muito amor à ordem, ao asseio e à conservação dos objectos procurando cada um, na medida do possível, aumentar e enriquecer o património.

IV—Cada um tem o dever de levantar e fazer valer as qualidades nobres e espirituais da sua alma, sendo guarda vigilante de si próprio e responsável de todos os seus actos.

Saiba com energia repelir pes-

soalmente companheiros falsos e abster-se de luxares e de prazeres ilícitos e perigosos.

Se a Obra não provar ser escola de auto-educação e amparo moral de cada um dos seus Membros, frustra por isso mesmo o principal fim para que foi instituída e torna vão o esforço dos que trabalharam na sua fundação.

E' uma obra essencialmente cristã, consagrada «ao Santíssimo Nome de Jesus», Único que cura e cicatriza as feridas da alma. Cada um tem obrigação de conhecer e de praticar os preceitos do Decálogo, ser rigoroso consigo mesmo no seu cumprimento; sabendo que a Moral Cristã é dos fortes, baseada na renúncia às solicitações da fraca natureza humana.

Se algum dos rapazes não pode comparecer às horas da oração em comum, que esse mesmo se não prive de a fazer no seu quarto, ajoelhado aos pés da cama, antes de sair para o trabalho. Saiba que esta atitude para com o seu Criador, é uma força e uma segurança pessoal. De muitos perigos nos livra Deus, pela oração.

Como complemento da sua educação religiosa, exercite-se o habitante do lar no amor do próximo, por meio das Conferências Vicentinas.

V—Veja cada um e aprecie no Lar a grande oportunidade que se oferece, de qual deve tirar dia a dia o máximo rendimento, levando o desejo do seu aperfeiçoamento moral até ao sacrifício de todas aquelas paixões e inclinações que brigam com este nobre e salutar ideal.

(CONTINUA)

De como nós fomos aos Açores

(Continuação da primeira página)

O pequenino avião levanta. Minutos depois estávamos sobre o mar. Avelino, ao pé de mim, olhava e tremia: Olhe dizia ele. Eu mais afeito às alturas ia-lhe dizendo que não. Que não tivesse medo. Que ontem, a caminho das Sete Cidades o perigo tinha sido maior.

E assim nos confortamos mutuamente, dois medrosos a fingir que não, até nós descermos na Ilha de Santa Maria.

(CONTINUA)

O que nos dão no Tojal

Estão sempre a aparecer por aqui, amigos nossos vindos das Províncias do Ultramar. Muito dizem do interesse que por lá vai à volta da Obra da Rua.

Mais uma vez no-lo garantiu o Senhor Bispo de Nova Lisboa, que há pouco nos visitou. Quase todos os bispos africanos aqui tem vindo certificar-se da verdade do que dizemos, tornando-se por lá ardentes propagandistas.

«Vou edificado, com o que vi, declarou o prelado, vá para a frente sem desânimos!» Bem nos soube tão paternal visita, num dia por sinal bem pardo. Aquela aragem de África, dissipou felizmente todas as nuvens.

De Moçambique recebemos, por intermédio dum vendedor, 150\$; mais roupas de Buzi da Beira, e um cheque para livros e assinaturas da C.^a dos Diamantes. De Lisboa, 20, para a realização dum «sonho lindo» de Lia; Pastas e livros duma saudosa viuva, dos Anjos; 100 para sufrágios; 1.170 e 1 235 dos Empregados da Vacuum; e já por lá corre outra lista a favor do Património dos Pobres; 260 e 245 dos Produtos Lácteos. Agasalhos da Lourinhã. Por agasalhos, vem a propósito dizer que temos mais trinta e cinco Rapazes do que no inverno passado, e que o número dos cobertores é o mesmo... Por um vendedor 100, de assinatura; 50 e 100 por outro. Da C.^a dos Tabacos 250 e dum Engenheiro da mesma 100. Da Empresa Guilherme Graham 250 e inúmeros favores da Gerência da Fábrica de papel da Abelheira. Muitos livros e 500 e 50 dum admirador que espera receber lá em cima capital e juros. Mais roupas pneus e ainda roupas. Muito estamos a dever a Lisboa que nos tem vestido e calçado os Rapazes com o que subeja aos seus filhos. Tem-nos sido ainda possível repartir por outras casas. Do que estamos mal é de flanela, chita para colchas, escovas de dentes e papel escolar e penicilina. Nesta maré de dizermos das nossas necessidades, aí vai mais um pedido: um mofo de vento para tirar água. Pode ser que alguém tenha posto algum de parte e não precise de vendê-lo para sucata. O Banco de Portugal está a alimentar o nosso forno com madeira de prédios demolidos. Numa região pobre de lenhas como esta, isto constitue um precioso auxílio; 60 e 20 duma Figueirense para a curreleira. O São Martinho foi festejado com um jantar a toda a malta em casa dum bom Amigo, do Tojal. Aos Rapazes não se lhes dava de repetir todos os dias a receita, mas aquele senhor bem podia, em poucos dias, entrar em banca rota. De Bucelas vieram também bolos para aumentar a alegria d'sse dia. Mais castanhas do Tojal e figos de Loures. Uma caixa de queijos 100 duma senhora do Porto e 1.000 dum bispo que adptou a norma de Pio X: «nasci pobre, vivi pobre, e pobre quero morrer!» Com aquela nota tirou «bilhete» para entrar nesta casa; com aquela norma espera bilhete para a casa lá de cima. Do assinante 9139, 500; da Av. Ant. de Aguiar, castanhas, cadeiras, livros e adornos. 50 para sufrágios, 100 e mais 100. Os visitantes continuam a vir e explicar-se. Agora vamos aos que seguem, cá de longe a procissão do «Agora». Hou-

ve uma mãe de cinco filhos, que, arrependida de não ter ido na procissão da tipografia, entra agora com 1.000 agradecendo a N. Senhora a graça de lhe ter dado uma casa. «Um enfermeiro» envia 50 para um prego. Para um tejo das «Casas dos Pobres» 500. Traídos por um vendedor, chegaram-nos mais 500, dum Senhor Doutor.

Para as telhas, em acção de graças por um sobrinho ter conseguido constituir o seu lar, 200 amealhados aos poucos; 100 pela segunda vez, dum empregado de C. Santos, do aumento de ordenado. Da avenida já mencionada 100. Uma pedra igual por uma avó que se ainda fôsse viva, gostaria de a mandar.

40 de Bucelas e camas da Ponte de Sor. De Nampula 100 de dois pequeninos Portugueses. Resta-nos acrescentar da extensa lista do Montepio Geral que começa a engrossar com a aproximação do Natal. No próximo número diremos.

PADRE ADRIANO

AGORA

Abrem hoje a procissão com 200\$00 os sogros do filho do Dr. Zéquinhas. Que ninguém diga mal dos sogros e das sogras. Logo atrás vai um senhor do Porto com 200\$ na mão e uma bandeira que diz assim—Para os pobres das tocas. E esta legenda é de ler e meditar, por ser verdadeira. A procissão cita, não concita. O Padre Adriano manda uma lista de donativos no montante de 4 200\$, tudo amigos de Lisboa. Do Aeroporto de Santana vai um voador com uma telha na mão. De Lisboa vai a Maria Luiza com 100\$, prenda de anos sua mãe. De S. João do Monte vão 50\$. Do Porto, 200\$. O Rio de Janeiro quer entileirar com cem cruzeiros—e a nossa pobrezinha Ilha de Moçambique vai ao lado com 1.000\$00.

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

A assinante X de Lisboa enviou 50\$00. De algures mais 50\$00. Por alma do ex-gerente do Banco Lisboa & Açores os empregados cotizaram-se e ofereceram 192\$50. A missa será rezada. Que a sua alma descanse em paz. Da anónima A. B. O. por alma dos seus entes 20\$00. Mais uma carta de letra por nós conhecida, agora com 40\$00. Diz que é para auxiliar um pouco. Verdade, verdadinha. Prestemos um pouco da nossa atenção a um nosso amigo sincero, como declara:

«O tal funcionário que regressou ao seu lar comprou mais umas pequeninas coisas para a sua casita.

Se Deus lhe permitiu esse acréscimo de conforto, justo é que contribua para debelar o déficit da Conferência da nossa aldeia, déficit que o nosso jornal anuncia neste número.

Senhor Padre Américo é pouco-chinho, perdoe».

Com esta 50\$00. Recebemos a visita do Snt. Madureira do Espírito Santo que também quis comungar conosco na cruzada vicentina oferecendo 20\$00. Da Terceira 100\$00. E por fim:

«Junto envio 30\$00, para a Conferência de S. Vicente de Paulo.

São as mensalidades de Outubro, Novembro, Dezembro. Peço desculpa de não ter enviado mais cedo, por dificuldades de momento.

(São BIDAS, como diz um colega do meu avô. Beijos do Bêbé n.º 3.

J. M.

PELAS CASAS DO GAIATO

COIMBRA Mais 10\$ para a nossa pobre de Mãozinha do dirigente da Farmácia Viegas & Coelho. Mais 3 de 20\$ e uma de 50\$, desconhecidos.

Uma senhora Africana muito admiradora da nossa obra ofereceu-se com 150\$ para alugarmos uma casa para a nossa pobre mais necessitada. Já recebemos o que diz respeito ao mês de Outubro. Também uma senhora passa a dar para esta Conferência 10\$ mensais. A estes senhores muito obrigado.

Mais uma vez eu venho à presença de todos os nossos amigos com o mesmo pedido que fiz no penúltimo numero d'este jornal. Como devem saber trata-se de roupa. Roupa. Todos os nossos pobres nos pedem roupa tanto para vestir como para a sua cama. Esta última é a mais precisa. Temos uma pobre na Estação Nova que só tem um simples cobertor na cama. As telhas do telhado estão todas partidas e agora com o tempo que está quem acode? Outra no Bairro das Latas que tem seis filhos e quase todos dormem na mesma cama com um lençol todo roto e um cobertor todo sujo. Quando chove eles passam frio tremendo. Não podem descansar. Esta pobre tem um filho que anda a estudar na Escola Comercial e Industrial que anda com a roupa quase toda suja e rota. Mal vestido. Não sei o que ele parece. Os Srs. não nos acodem? E' por isso que alguns rapazes não estudam com vergonha da miséria. Venham lençóis e cobertores que nós tudo aceitamos. Nem que seja roto. Vem aí o Natal. Eles coitados tremem de frio. Eles não podem descansar convenientemente. Eles apanham doenças. E' um mar de coisas. Nós bem vemos mas não podemos dar o que não temos. Uma das filhas da pobre da Estação Nova tem de ficar em casa porque não tem um vestidito com que possa andar na rua. O marido esconde-se da sociedade porque tem vergonha do seu vestir.

Espero que da vossa parte não falteis. «Enquanto á vida á esperança». Um velho ditado português. Nós esperamos e esperamos só confiados em vós. Se quereis mandar alguma, mandai-a porque as nossas portas estão abertas para vos receber de braços abertos. A última palavra sois vós a dá-la. Por isso esperamos... porque se está a aproximar o Natal.

TOJAL Para que os senhores leitores saibam e se alegrem connosco venho dizer a vossa conferência ainda continua cada vez mais com maior vigor. Somos dez confrades e é igual o número de pobres. A nossa conferência até agora gastou muito dinheiro em mercearia, rendas de casa e remédios. A primeira casa para um dos pobres vai também andando, tudo parado algum tempo por causa da chuva.

Têm-nos valido muito alguns donativos de 500\$ e 250\$ e 100\$ que recebemos, e aqui vimos agradecer. Nós já convidamos rapazes cá do Tojal para virem para a nossa conferência. Eles estão tão interessados como nós em ajudar os nossos irmãos pobrezinhos. Vou contar-vos uma alegria da nossa conferência. E' que um dos nossos confrades chamado João Baptista que era operário da Covina, partiu para o seminário das Missões da Cova da Iria, para se formar padre missionário. E antes de partir fa-

lou-nos desta maneira: Eu já há muito tempo que estava com ideias de ir para o seminário para me fazer padre, mas se nunca tivesse aqui entrado dentro Esta casa já me tinha fugido esta ideia. de como eu já há muito tempo que fiz exame, não estou bem lembrado das coisas que aprendi na instrução primária. Assim como um instrumento velho com uns toques daqui o outros dacolá se faz um instrumento novo, assim sucede comigo.

Espero vir a ser um bom padre. O nosso presidente falou em seguida alegrando-se com a resolução inesperada do nosso confrade e animando-o a seguir uma carreira tão linda. Já lá está há dois meses. Sempre que nos escreve, pergunta pelos nossos pobres e pela nossa conferência.

Para o lugar dele entraram mais dois confrades que mostram muito amor aos pobres.

S. JOÃO DA MADEIRA Amigos leitores, fizemos dois quartos cá em casa que foram ocupados pelos nossos rapazes. Precisávamos de fazer mais mas esta casa não é própria para nos metermos em grandes obras porque é muito fria e apresenta pouca comodidade. Esperamos que o Pai Américo resolva este problema pois parece que estamos no Polo Norte.

A venda do jornal decresceu bastante desta vez. Talvez, o tempo influenciasse neste decrescimento, todavia esperamos que na próxima quinzena se recomponha. Em Aveiro e Espinho vendeu-se regularmente, apenas fraquejando Ovar e S. João da Madeira. Alto lá! Nós não queremos descer...

Recebemos a visita da Senhora D. Laura e D. Celeste que trouxeram castanhas e vinho para fazermos um magusto na sua presença. Era domingo e por isso foram todos avisados para estarem em casa às cinco horas. Todos estiveram e o magusto esteve alegre. Comeu-se castanhas até mais não querer.

Estas senhoras tem sido incansáveis. Vieram, proposadamente de Macieira de Sarnes para nos ver comer.

Um dia destes visitou-nos a Senhora D. Celeste e por me ver a tossir um bocado logo me deu um xarope para eu tomar. Para estas senhoras e todos aqueles benfeitores que estão connosco vai o nosso reconhecimento.

Precisávamos dum fogão porque o que cá temos é muito pequeno. O cozinheiro diz que gasta muito petróleo nas máquinas. Quem nos acode? Certamente iremos à «Oliva» para ver se nos permutam o nosso por um maior. Entretanto, se ás vezes os leitores quiserem evitar que nós vamos aborrecer aqueles senhores que já tanto nos têm ajudado, isso seria óptimo. E' natural que eu deixe também o encargo de cronista porque tenho o tempo muito ocupado. Entretanto devo escrever de quando em vez alguma coizinha para não morrer abafado.

Conferência—Nós estamos muito pobrezinhos. Façam-se subscritores mensais da nossa conferência.

Actualmente socorremos quatro nossos irmãos e agora aparece um quinto que vive numa ineplicável miséria. Fui eu mais o Fernando Marques visitá-lo e quando entrei no curral onde ele vive quis fugir porque os barrotos só estão presos num

lado. O curral deve ter quatro metros quadrados aproximadamente e nele se encontra um colchão que o pobre estende no chão para se deitar cobrindo-se com um liteiro e um cobertor que as senhoras vicentinas lhe deram. A não ser o colchão que apanha chuva em qualquer parte que ela caia, não há mais nada nesta vivenda: nem um banco, nem um fogareiro, nem uma tigela, nem nada. É uma lamentável miséria. O pobre tem cinquenta e quatro anos e depois de viver vivia em mancebia com uma mulher casada a qual tem cinco filhos que viviam todos no mesmo curral. Depois ela abandonou-o e ele encontra-se agora sozinho a pedir de porta em porta porque não pode trabalhar. As vicentinas pagam-lhe uma tigela de sopa por dia.

Oh Deus Todo Pedroso, tende piedade desta miséria! Poderia dizer mais mas deixo os comentários para os leitores. Nós temos que socorrer este pobre ainda que tenhamos de ficar a dever a alguém. Aqui deixo este apêlo o qual penso que os bons corações não abandonam. Socorrei a miséria ó vós que podeis. Lembrai-vos que somos todos irmãos em Cristo e que um dia lhe havemos de dar contas.

Carlos Inácio

PAÇO DE SOUSA No domingo passado disputou-se um renhido desafio de futebol entre as equipas do Lar do Gaiato do Porto e Futebol Clube de Paço de Sousa.

O desafio foi disputadíssimo, principalmente nos primeiros 45 minutos de jogo, em que ambos os grupos se encontravam empatados a uma bola.

Na segunda parte, os gaiatos do Porto, entram com resolução de fazer funcionar o marcador e assim obtém segundo ponto. O Paço de Sousa reage, mas não dá com a baliza do adversário, entretanto os gaiatos consolidam a vitória com o terceiro ponto.

O Paço de Sousa fez o possível para modificar a derrota, mas o arbitro dá o desafio por terminado saindo vencedores os gaiatos do Lar do Porto, por 3 bolas a uma.

Ambas as equipas se portaram correctamente

O Preta mai-lo Carlitos tinham uma galinha a chocar 14 ovos. Nasceram 12, os outros dois eram chocos. Com que carinho não tratam eles dos seus pintainhos. Os dois, todos contentes passam as suas horas de recreio ao pé dos seus pintainhos.

Este nosso Preta é um rapaz entusiasta pelas pombas, mas, que seria ele, se não estivesse na Casa do Gaiato. Amaria também as Aves do Céu!...

Diariamente e diversas vezes, quando me encontro trabalhando no escritório da tipografia, é um gosto trabalhar, e com as pombas à beira. Pombas nos escritório da tipografia! Quem pensaria tal numa casa de rapazes?

Amigos leitores, pedir custa muito, mas a isso me vejo obrigado. A biblioteca dos nossos rapazes está completamente vazia. Tanto a biblioteca da casa dos maiores como a dos médios. Precisamos de livros, mas livros que não prejudiquem a nossa formação. Livros e revistas. Mais. A casa dos mais velhos tem uma sala de jogos. Temos uma mesa de pingue-pongue, mas não temos bolas. Temos também uma grafonola, mas os discos que há, já estão gastos, assim como as agulhas que já parecem pregos. Para os mais pequenos, peço livros de histórias e jogos.

Estamos no inverno caros leitores, e é pena vermos os nossos batatas, descalços, e com pouca roupa. O que temos é pouco, muito pouco para eles. O encanto da nossa obra são os pequeninos, os batatas. E ainda não me esqueci das palavras do Mestre: Deixai vir a mim as crianças, porque delas é o reino do céu.

MANUEL PINTO

MIRANDA DO CORVO Começamos há dias a apanhar a nossa azeitona que começou pelo olival da mina quer dizer que fica perto duma das nossas minas e por isso nós lhe chamamos olival da mina e que é ainda distante da nossa casa. No fim do almoço cada um foi arranjar a sua vasilha ou a sua vara e lá fomos nós. Chegámos e logo se começou o trabalho uns a respigar, outros a varejar e ainda outros a cantar. Ali passámos toda a nossa tarde muito alegre. O Malzito também naquela tarde se ia arriscando a uma boa queda se não calha ser um bom trepa-gatos quando respigava numa das oliveiras uma pernada muito fraca que quebrou. Ele esteve prestes a cair no chão mas ele agarrou-se bem e escapou, quando nós vimos aquilo é que foi rir rir mas o pior foi a pernada que ficou quebrada. Agora já andamos nas oliveiras dentro da nossa quinta e que têm dado alguma coisa.

Vou agora falar-vos da nossa Conferência. A nossa Conferência é constituída por dez pobres e dez confrades com os três da mesa que são: Adélio Ferreira, o Secretário Carlos Manuel e o Tesoureiro Victor de Almeida. Os nossos pobres são divididos em três grupos que são: os pobres do Corvo, os das Miãs e os do Montoiro. No Corvo são quatro, nas Miãs são dois e os restantes são outros quatro.

Todos os anos a Conferência costuma dar aos nossos pobres qualquer coisa para lhes lembrar o Natal. Este ano estamos para ver, se os nossos leitores não se compadecerem, nós por nós mesmos não lhes podemos valer pois que já há muito tempo que não recebemos donativos. Em Maio recebemos um donativo de 500\$00 pelo nosso Pai Américo no outro mês a seguir 50\$00 e em Novembro 50\$00 de Caldas da Rainha. Como vêm os donativos que recebemos são poucos e nós não podemos socorrer sem a vossa ajuda. Nós só pagamos a renda de duas casas e medicamentos poucos compramos só o vestuário e a alimentação e outras despesas várias e mesmo assim ainda andamos preocupados. A nossa Conferência anda a precisar muito e se não nos prestardes a vossa ajuda não os podemos socorrer.

Agora de outro assunto. Nós já há muito tempo que não temos bola e a maioria dos nossos rapazes só têm alegria quando têm a bola junto deles. Nós ficamos desde já agradecidos aos senhores que nos fizeram a fineza de nos enviar uma bola de couro ou de borracha mas antes perferiamos uma de couro. A direcção é esta: Casa do Gaiato—Miranda do Corvo.

CARLOS MANUEL TRINDADE

Do que nós necessitamos

Os senhores não se esqueçam do pedido da quinzena passada; gabardines e sobretudos de qualquer camanho e feitio. Nós temos cá alfaiate. Ele vira e passa a ferro e faz do velho noyo. Deixem ficar no Porto ou mandem para aqui. Mais de Famalicão, uma duzia de pares de peúgas novinhas. Mais 20\$00 de Lisboa. Mais outro tanto de Lourenço Marques, *Duma pobre Maria sem pai*. Mais outro tanto de Lisboa, *comemorando o 10º mês de casados*. Mais 1.000\$00 de Lourenço Marques. Mais 70\$00 Sernache do Bonjardim. Mais 300\$00 dos *novos de Terena*. Pois que depressa se casem e uma vez casados sejam sempre assim noivos. Eis a minha prece. Mais 70\$00. Mais esta carta:

«No mesmo correio segue um vale registado com a importância de 830\$—é o meu primeiro ordenado. Gostava que metade fosse para o «Barredo», e a outra metade para uma porta das «Casas para Pobres», fica-lhe muito grata a mais velha de «duas irmãs de Lisboa»

Parece que uma Lisboaeta dos nossos dias havia de ter muito em que empregar o dinheiro do seu primeiro ordenado e até, pedir ao seu pai um suplemento. Mas esta não. Esta é a mais velha de duas irmãs e quer dar o exemplo à mais nova. E também quer incitar. Mais uma encomenda da Marinha Grande. Mais uma camisola de Lamego para o Pombinha.

Mais o Dr. *Zéquinhas* que tornou. Mais 100\$ do Porto. Mais 250\$ de Algures. Mais 50\$ de Cantanhede. Mais 80\$ de uma leitora. Mais 50\$ de Moçambique. Mais 20\$ de Famalicão. Mais 100\$ de Carviçais. Mais o Abel que trouxe 125\$ do Porto. Mais do Porto 50\$, retirados do ordenado do segundo mês do meu sobrinho. Mais 50\$ de Vila Luso. E mais nada.

DIVULGAI

«O GAIATO»

ANGARIANDO

NOVOS ASSINANTES



O meu escriba maneja melhor a sua agulha do que a caneta; ele está de costas, à direita.